

» BILHETE DE IDENTIDADE

Aos 6 anos Paulo Morgado, já passava muito tempo nas empresas de rações da família, em Leiria. Aos 42, acumula duas licenciaturas, em Gestão e Direito, e obteve uma pós-graduação, no Instituto Superior de Gestão, e um MBA, em Finanças, na Universidade Católica de Louvain (Bélgica).

Actualmente é administrador-delegado da consultora Cap Gemini em Portugal, desde 2003, ano em que iniciou um processo de redução de uma centena de postos de trabalho. Antes, foi *senior manager* da Roland Berger, subdirector do Banco Finantia e director-geral da Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas. Manteve-se na empresa de águas quando esta foi vendida por José de Sousa Cintra ao grupo Jerónimo Martins. É autor da trilogia *O Processo Negocial, Cem Argumentos e Contos de Colarinho Branco*. Este último reúne 28 contos, publicados a um ritmo semanal no *Jornal de Negócios*



ANTÓNIO XAVIER

COLARINHO BRANCO
Crimes a brincar para
alertar os menos atentos

Paulo Morgado

Como dar o golpe em 28 contos

O gestor escreveu um livro onde desvenda os esquemas por detrás dos principais crimes económicos

CLARA TEIXEIRA

Paulo Morgado, gestor e consultor de empresas, reuniu em livro um conjunto de contos que nos relatam o *modus operandi* dos criminosos de colarinho branco. São 28 histórias de falsários e finórios, funcionários e financeiros, postas em letra de forma para mostrar às pessoas «que também podem ser vítimas destes crimes». O autor diz que se inspirou em notícias de jornais, em livros publicados

nos Estados Unidos e no site do FBI, para escrever *Crimes de Colarinho Branco*, recentemente editado pela Dom Quixote. A fraude fiscal, actualmente no centro de uma investigação das autoridades judiciais nacionais, não é abordada nesta obra. «Só por si, daria um outro livro», esclareceu.

VISÃO: Estes contos baseiam-se nas experiências vividas ao longo da sua carreira de gestor?

PAULO MORGADO: Não. Este é um livro de tipos e não um livro de factos. Procurei caracterizar muito bem a mecânica de cada um dos tipos de crimes de colarinho branco. Quer no mundo das empresas quer no mundo jornalístico, somos confrontados, todos os dias, com notícias sobre coisas deste género. Nunca estive envolvido num processo de branqueamento de capitais como o que é descrito no conto *A Cidade da Roupa Branca*. Nem nunca estive perto. O que escrevi, em termos de factos, resulta do senso comum. Preocupe-me mais em ser rigoroso com a mecânica do branqueamento de capitais do que em tentar encaixá-la em algo que nunca conseguiria conhecer em pormenor.

Onde é que foi buscar a ideia e, também, a inspiração? Como é que sabe tanto sobre estes crimes?

Não assisti a nada de que as pessoas não tivessem conhecimento pelos jornais. Também não vou excessivamente a fundo, na tipologia de cada crime. Não me interessa escapelizar cada um dos tipos. Interessa-me mais chamar a atenção para a existência de quatro grandes tipos de criminosos de colarinho branco: o financeiro, o funcionário, o falsário e o finório. O financeiro é o que consegue tirar pouco dinheiro a muita gente. Trata-se dos casos que têm a ver com o mercado de capitais, ▶

ECONOMIA

► COMO DAR O GOLPE EM 28 CONTOS

com as fraudes contra seguradoras e bancos. O funcionário é o que tem uma vidinha casa-escritório-casa, mas a quem, de repente, surge um problema, uma dívida inconfessável, de jogo ou de mulheres, e que, por isso, vê de forma diferente os valores e a informação com que lida. O falsário é o que vende gato por lebre ou, como digo num dos contos, nada por lebre. Cria apenas uma expectativa. Diz que vai fazer uma urbanização, convence as pessoas a darem uma entrada e desaparece. Finalmente, o finório é o que engana através da conversa. É o caso dos agiotas, que se aproveitam das pessoas em situação difícil.

Marcas de automóveis antigos, de relógios e de canetas de luxo são uma constante, nestes contos. Os criminosos gostam?

O livro inclui um conjunto de mensagens subliminares. Um cinéfilo descobre, em muitos contos, essas chamadas de atenção. Quanto aos carros, relógios e canetas, é neles que assenta a publicidade, nas revistas dirigidas aos executivos. Parti do princípio de que seria engraçado pôr umas referências aos objectos mais cobiçados pelas elites. Dei-me ao trabalho de recolher, na Internet, imagens de todos os carros, relógios e canetas citados nos contos. No conto sobre vigarice com jogos, há uma alusão a uma caneta cujo nome é *Montecarlo*.

Não conhecia a dra. Maria José Morgado. Porque lhe pediu o prefácio?

Porque lançou, há dois anos, um livro sobre a corrupção e o branqueamento de capitais, dois crimes virais, que se propagam a uma grande velocidade. Era a pessoa que se preocupava com este tipo de criminalidade. Conhecia o marido, José Luís Saldanha Sanches, telefonei-lhe e, tanto um como outro, apadrinharam a ideia.

Dos quatro tipos de crimes de colarinho branco que identifica, há algum que se destaque, em Portugal?



ANTÓNIO XAVIER

Os crimes virais, de fácil propagação, são a corrupção e o branqueamento de capitais

Não sei. Sei que os crimes virais, de fácil propagação, são claramente a corrupção e o branqueamento de capitais. São típicos de uma economia paralela: pagar sem deixar rasto...

Portugal é um país de corruptos?

Portugal é um país com uma falha gravíssima, no processo educativo, portanto, há-de estar cheio de pessoas incompetentes, em determinados sítios. E se essas pessoas perduram nos seus lugares, é por que estão a prestar um benefício. Também sei que um dos principais geradores de corrupção é a existência de dificuldades. O corrupto é especialista em encontrar dificuldades adicionais, para depois as resolver, a troco dos tais pagamentos. Quando olho para Portugal, vejo que está cheio de dificuldades artificiais. Se me perguntar se há indícios de corrupção, no País, sim, há indícios.

E o tráfico de influências?

Em sentido jurídico, dá-se apenas quando envolve a Administração Pública. Não temos que ser puritanos. Com conta, peso e medida, chama-se

lobbying, na sociedade americana. Numa sociedade onde a informação abunda, é normal que alguém recorra a alguém para ser apresentado a outrem. Quando falei com o marido da dra. Maria José Morgado, e pedi para ser apresentado à mulher, isso é tráfico de influência? Claro que não. Isso é relacionamento.

Depende. Poderíamos imaginar um conto em que fosse mesmo tráfico de influências, algo fazendo parte de uma cabala enorme.

Mas aqui não há nenhuma cabala. Pedir a alguém que arranje uma consulta urgente é tráfico de influências? Ninguém tem um nível tal de puritanismo. É importante distinguir entre o que é aceitável, no mundo dos negócios, e o que nada tem a ver com esse mundo. O *lobbying* é perfeitamente aceitável, está institucionalizado em várias sociedades e não é censurável. Se começamos a insistir no tráfico

de influências para meter no mesmo saco uma coisa sem importância e uma coisa gravíssima como é a corrupção, acabamos por retirar censurabilidade à corrupção. É perigoso.

Os livros que escreve, sobre esta temática, favorecem a sua carreira de gestor e de consultor?

Gosto de ter projectos pessoais, fora do trabalho. Algo que me ocupe a cabeça, que me ajude a concentrar-me em coisas relevantes. Agora, como não tenho livros para escrever, passo os fins-de-semana a jogar *X-Box* com os meus filhos. É divertido, mas é menos produtivo. Acho graça, quando me perguntam se sou escritor ou gestor. Eu nunca pergunto a ninguém se é jogador de golfe ou se é gestor. Parece que, para estar no lugar em que estou, deveria andar a correr tão esforçadamente que não me sobraria tempo para mais nada. Não sei se escrever livros me dá vantagem, enquanto gestor. Para algumas pessoas, tem um efeito oposto. Mas os bons gestores, os bons empresários, as boas pessoas, aplaudiram a publicação do livro. ■